

ATTITUDES FACE À SEXUALIDADE NOS ADOLESCENTES NUM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL

J.M. Ribeiro¹ (jorgemanuelpereiraribeiro@gmail.com), A. Pontes², e L.R. Santos³

1 - Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, Lanheses, Portugal; 2 - Unidade Local de Saúde do Alto Minho, EPE, Viana do Castelo, Portugal; 3- ESS do IPVC, Viana do Castelo, Portugal

RESUMO: A educação sexual é fundamental na promoção da saúde sexual dos adolescentes, e a escola é, de acordo com a legislação portuguesa, a responsável pela sua abordagem formal. É objetivo deste estudo avaliar o impacto de um programa de educação sexual na turma (PEST) nas atitudes face à sexualidade de adolescentes. A amostra é constituída por 99 adolescentes, com idades entre os 12 e os 14 anos, que foram divididos em 2 grupos: o experimental, que participou no PEST, e o grupo de controle. O instrumento utilizado foi *Escala de Atitudes Sexuais - versão Adolescente* e foi aplicado, nos dois grupos em simultâneo, antes e depois da implementação do PEST. A conceção e implementação do PEST está em consonância com as exigências da legislação vigente. Constatou-se que a participação no PEST alterou efetivamente as atitudes dos adolescentes, sendo essa alteração significativa nas raparigas, nos adolescentes com maior sucesso escolar, e nos adolescentes com melhor estatuto económico. Parece assim reforçada a importância da escola na educação para a saúde dos adolescentes, bem como a necessidade de ajustar estes programas às características específicas da sua população-alvo.

Palavras – Chave- atitudes face à sexualidade; educação sexual; género; adolescência; programas de educação sexual

CHANGES IN ATTITUDES TOWARDS SEXUALITY IN ADOLESCENTS THROUGH A PROGRAM OF SEX EDUCATION

ABSTRACT: Sexual education is crucial in promoting adolescent sexual health, and the school is, according to portuguese law, responsible for its formal approach. The objective of this study is to evaluate the impact that a program of sexual education in the classroom (PEST) has on attitudes towards sexuality of teenagers. The sample consisted of 99 adolescents, aged between 12 and 14 years, who were divided into two groups: the experimental group, that participated in PEST, and the control group. The instrument used was the *Escala de Atitudes Sexuais - versão Adolescente* and was applied in both groups simultaneously, before and after implementation of PEST. The PEST designing and implementation is in line with the requirements of current legislation. It was found that participation in the PEST changed the attitudes of adolescents, with significant changes in girls, adolescents with higher educational attainment, and adolescents with better economic status. It seems thus reinforced the importance of school education for the health of adolescents, as well as the need to adjust these programs to the specific characteristics of the target population.

Key-Words- attitudes towards sexuality, sexual education, gender; adolescence; sexual education programs

Recebido em 23 de Agosto de 2012/ Aceite em 10 de Novembro de 2012

Atitude face à sexualidade num programa de educação sexual

A educação sexual (ES) é a mais importante forma de prevenção de problemas ligados à saúde sexual e reprodutiva dos jovens (Ramiro, Reis, Matos, Diniz, & Simões, 2011). A sua implementação, em contexto escolar, acontece um pouco por todo o mundo (Kirby & Laris, 2009; Kirby, Laris, & Roller, 2007; Kirby, Obasi, & Laris, 2006; Marinho, Anastácio, & Carvalho, 2010; Robin et al., 2004). Estes programas utilizam metodologias diferentes, uns mais centrados na transmissão de conhecimentos, outros na aquisição de competências (Kirby, Laris, & Roller, 2006); uns liderados por adultos, outros por jovens (Kirby, Obasi, et al., 2006); e uns com conteúdos mais abrangentes, e outros mais restringidos à transmissão de conhecimentos biológicos ou à demonstração de determinados comportamentos relacionados com a sexualidade (Kirby & Laris, 2009).

Face a esta diversidade, torna-se necessário verificar a eficácia desses mesmos programas. Para tal, têm sido utilizados vários indicadores. Comportamentos sexuais, como o início das relações sexuais e a utilização de preservativos, têm sido dos indicadores mais utilizados, segundo algumas das revisões da literatura mais recentes (Kirby, et al., 2007; Kirby, Obasi, et al., 2006; UNESCO, 2010). As atitudes face à sexualidade também têm sido utilizadas para avaliar o impacto de programas de ES, alguns deles desenvolvidos em contexto escolar (Aarons et al., 2000; Carrera, Lameiras, Foltz, Núñez, & Rodriguez, 2007; Díaz et al., 2005; Larsson, Eurenus, Westerling, & Tydén, 2006; Lederman, Chan, & Roberts-Gray, 2004; Lemos, 2002; Piscalho & Leal, 2002; Pontes, 2010; Santos, 2009; Silva & Meneses, 2010; Sousa, Soares, & Vilar, 2007). O estudo das atitudes face à sexualidade é importante porque as mesmas são uma predisposição para opinar, sentir e atuar face a objetos sexuais, situações, pessoas diferentes, normas ou costumes sociais e condutas sexuais (Diéguez, López, Sueiro, & López, 2005; López, 2009; López & Fuertes, 1999). A sua pertinência é-nos evidenciada por López (2009), que refere que “a promoção das atitudes face à sexualidade que se consideram adequadas e a alteração daquelas que não se consideram saudáveis é um dos objetivos gerais da Educação Sexual” (p. 105). A relevância do seu conhecimento torna-se evidente por nos permitir entender como os jovens se sentem com a sua sexualidade, e as decisões que poderão tomar na vivência da mesma (Juhasz, Kaufman, & Meyer, 1986).

Em Portugal “a formulação e implementação da ES nas escolas tem-se revelado um processo longo e complexo, objeto de apaixonados debates ideológicos e pressões políticas em que intervêm vários atores sociais.” (Vaz, 1996, p. 51). A primeira abordagem formal à ES em Portugal ocorre em 1971, quando foi criada a comissão interministerial para o estudo da educação e sexualidade. Esta comissão elaborou, e discutiu, um texto com recomendações para o ensino; contudo, esse texto nunca foi concluído (Vaz, 1996). Apenas em 1984 se reconhece, através da Lei n.º 3/84, que o estado “garante o direito à ES, como componente do direito fundamental à educação” e que os “programas escolares incluirão, de acordo com os diferentes níveis de ensino, conhecimentos científicos sobre anatomia, fisiologia, genética e sexualidade humanas, devendo contribuir para a superação das discriminações em razão do sexo e da divisão tradicional de funções entre homens e mulheres” (p. 981). Apesar de ter sido publicada inúmera legislação, só em 2009 foi determinada, através da publicação da lei n.º 60 e, posteriormente, da Portaria n.º 196-A de 2010, a obrigatoriedade da ES nas escolas portuguesas, através dos projetos de ES na turma (PEST). Assim, parece-nos importante

verificar se um programa que respeite as orientações da legislação poderá ter impacto nas atitudes face à sexualidade dos adolescentes.

Assim, o objetivo do nosso estudo é avaliar o impacto que um programa de ES, respeitando as indicações da lei n.º 60 de 2009 e da Portaria n.º 196-A de 2010, tem nas atitudes face à sexualidade de adolescentes.

MÉTODOS

O presente estudo desenvolveu-se num *design* quasi-experimental. Vários são os estudos que utilizaram este tipo de metodologia para avaliar o impacto de um programa de educação sexual na turma (PEST), como Larsson et al (2006), Carrera et al. (2007) e em Portugal, McIntyre e Araújo (1999), Santos (2009), e Pontes (2010). De acordo com Ribeiro (2007) e como refere McIntyre e Araújo (1999), este tipo de programa está “bastante próximo do plano experimental, residindo a principal diferença no facto de, no plano experimental, se controlar a equivalência dos dois grupos através da aleatorização da amostra, característica que nem sempre é possível concretizar em certos tipos de investigação” (p. 621). No presente estudo e tal como referido anteriormente, as amostras não puderam ser aleatórias porque são investigações realizadas em contexto escolar, em que os sujeitos estão organizados em grupos turma pré definidos.

Foram assim constituídos dois grupos de estudo, um experimental (GE), com uma amostra de conveniência e sujeito a intervenção de um projeto de ES, e um outro, de controle (GC), que não beneficiou de qualquer intervenção. As características destes grupos, relativas às variáveis em estudo, serão descritas ao longo deste artigo.

Foram avaliadas, em ambos os grupos e antes e depois da intervenção, as atitudes face à sexualidade

Participantes

Participaram neste estudo noventa e nove adolescentes, que foram divididos pelos dois grupos, o GE e o GC. As características dos elementos dos dois grupos estão descritas no quadro 1.

Quadro 1 caracterização do grupo experimental e do grupo de controle

Variável	Grupo Experimental		Grupo de Controle		<i>p-value</i>	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%		
Sexo	F	33	56,9	17	41,5	0,13
	M	25	43,1	24	58,5	
Idade (anos)	12	39	67,2	31	75,6	0,37
	13	15	25,9	8	19,5	
	14	4	6,9	2	4,9	
Sucesso Escolar (retenções)	0	46	79,3	38	92,7	0,73
	1	9	15,5	2	4,9	
	2	1	1,7			
	3	2	3,4	1	2,4	
Escala social	0	16	27,6	15	36,6	0,10
	A	17	29,3	14	34,1	
	B	18	31,0	10	24,4	
	C	7	12,1	2	4,9	

Atitude face à sexualidade num programa de educação sexual

O GE é constituído por cinquenta e oito adolescentes, com trinta e três raparigas e vinte e cinco rapazes, e o GC por quarenta e um adolescentes, com dezassete raparigas e vinte e quatro rapazes. As idades variam, para os dois grupos, entre os doze e os catorze anos. A divisão dos grupos corresponde a três turmas, para o GE, e duas para o GC. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, nas variáveis analisadas, entre estes dois grupos.

Programa de educação sexual na turma

A conceção e implementação do PEST, avaliado no presente estudo, decorreram ao longo de diversas fases, das quais apenas descreveremos as mais relevantes: a avaliação diagnóstica; o estabelecimento de finalidades e objetivos; a determinação da carga horária, a definição da calendarização, e a escolha dos professores envolvidos, assim como as atividades a desenvolver ao longo das sessões.

O programa iniciou-se com a avaliação dos interesses e das necessidades dos adolescentes face aos temas propostos para o seu ciclo de ensino, considerando a Portaria n.º 196-A de 2010. A metodologia utilizada foi a caixa de perguntas (Frade, Marques, Alverca, & Vilar, 2009). Os temas mais escolhidos pelos alunos foram: a dimensão ética da sexualidade humana; a compreensão da sexualidade como uma das componentes mais sensíveis da pessoa, no contexto de um projeto de vida que integre valores e uma dimensão ética; o conhecimento das taxas e tendências de maternidade e da paternidade na adolescência e a compreensão do respetivo significado; o conhecimento das taxas e tendências das interrupções voluntárias de gravidez, as suas sequelas e respetivo significado; a compreensão da noção de parentalidade no quadro de uma saúde sexual e reprodutiva saudável e responsável.

Após a definição dos temas, foram estabelecidas as finalidades a atingir, tendo sempre como ponto de partida as propostas pela lei n.º 60 de 2009. De seguida, determinaram-se os objetivos para cada sessão, tendo como referência os propostos em *Educação Sexual em Meio escolar* (ME, MS, APF, & CAN, 2000), e tendo ainda em consideração os conhecimentos que se pretendiam transmitir, as atitudes que se procuravam refletir e as competências que se desejavam desenvolver.

Na conceção e implementação deste projeto foi respeitada a carga horária de doze horas, como prevista na Portaria n.º 196-A de 2010, organizadas em blocos de noventa minutos. As sessões foram implementadas durante o segundo período letivo e foram envolvidos seis professores, incluindo os vários diretores de turma e professores das áreas curriculares disciplinares e não disciplinares.

A cada sessão deste PEST correspondia a realização de múltiplas atividades, o que permitia alguma abrangência nos objetivos propostos para as mesmas (ver quadro 2).

Quadro 2 Objetivos por sessão

Objetivos	Sessão							
	1	2	3	4	5	6	7	8
Transmitir conhecimentos	X	X	X	X	X	X	X	X
Questionar e promover atitudes	X		X			X		X
Treinar competências		X		X	X		X	X
Avaliar sessões	X	X	X	X	X	X	X	X

Para tal, foi decisiva a utilização de blocos de noventa minutos, relativamente aos de quarenta e cinco, pelo fato de garantirem, proporcionalmente, mais tempo para a realização de atividades.

As metodologias utilizadas estão discriminadas por sessão (ver quadro 3), sendo que todas previam o envolvimento ativo dos participantes, tal como sustentado pela literatura (Kirby, Laris, et al., 2006; Lopes, 2006; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008; UNESCO, 2008); este tipo de metodologias já tinha sido utilizado noutros estudos realizados em Portugal (Ferreira et al., 1999; Jesus, 2011; Oliveira, Fernandes, & Pinheiro, 2003; Pontes, 2010; Santos, 2009; Silva, 2006; Vilaça, 2005).

Quadro 3 Metodologias por sessão

Estratégias	Sessão							
	1	2	3	4	5	6	7	8
Apresentação <i>Powerpoint</i>	X	X	X	X	X		X	X
Pesquisa na Internet							X	
Visionamento de DVD						X		
<i>Brainstorming</i>	X		X					X
Preenchimento de ficha		X	X	X	X	X	X	
História valorativa			X	X				
Escala de atitudes			X			X		
Debate em grande grupo	X	X	X	X		X	X	X
Trabalho em pequeno grupo	X	X	X	X	X		X	X
Jogo de tabuleiro		X						
<i>Role Playing</i>				X				
Trabalho individual						X		X
Palavras cruzadas							X	
Frases inacabadas							X	
Construção de definições	X		X					

Material

Como instrumento de avaliação utilizou-se um questionário e uma escala. O questionário tem como objetivo a caracterização sociodemográfica dos adolescentes, e é constituído por cinco questões de resposta fechada. A escala corresponde à *Escala de Atitudes Sexuais - versão Adolescente*, EAS-A (Gouveia, Leal, Maroco, & Cardoso, 2010), e destina-se a sujeitos com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade. Esta foi adaptada da *escala de atitudes sexuais* (Alferes, 1997), que se baseou na original de Hendrik e Hendrick (1987). A EAS-A tem como subescalas a *permissividade face ao sexo ocasional sem compromisso*, a *instrumentalidade ou prazer físico* e a *permissividade com amor*, e tem também a *escala global relativa às atitudes sexuais*. Esta escala é do tipo Likert, variando de 1, completamente em desacordo, a 5, completamente de acordo. “As respostas à escala com pontuações mais elevadas refletem atitudes utilitárias, e as de menor pontuação refletem o contrário” (Hendrick & Hendrick, 1987, p. 523). Contudo, e contrariamente ao descrito na escala original e na adaptação de Alferes (1997), a escala por nós utilizada, EAS-A (Gouveia, et al., 2010), está invertida, pois ela varia de 1, concordo totalmente, a 5, discordo totalmente.

Atitude face à sexualidade num programa de educação sexual

Procedimentos

O instrumento foi aplicado nos dias correspondentes à primeira e última sessões deste PEST, em contexto de sala de aula, aos adolescentes dos dois grupos. Procurou-se proporcionar, durante o preenchimento deste instrumento, a serenidade e a privacidade desejáveis, sendo ainda disponibilizado o apoio necessário ao esclarecimento de qualquer dúvida.

Foi utilizada estatística descritiva (mediana), bem como o teste não paramétrico *U Mann-Whitney*, para comparar grupos independentes, e o teste de *Wilcoxon*, para comparar o grupo em dois momentos. Foi empregue o programa SPSS versão 19.

RESULTADOS

Os resultados obtidos no nosso estudo permite-nos verificar o impacto de um PEST nas atitudes face à sexualidade de adolescentes, mas também reconhecer a forma como esse impacto varia com algumas das características desses mesmos adolescentes.

Constatamos que os adolescentes do GE, após a participação no PEST, revelam atitudes significativamente mais permissivas face ao sexo ocasional sem compromisso, do que os adolescentes do GC (ver quadro 4), o que não se tinha verificado antes dessa participação. Essas atitudes traduzem-se numa maior concordância face às relações sexuais ocasionais, à masturbação e às relações sexuais sem componente afetiva (correspondente à subescala de *permissividade face ao sexo ocasional sem compromisso*). Com a participação no PEST, o GE parece alterar significativamente as suas atitudes sexuais, apresentando-se mais permissivo face ao sexo ocasional sem compromisso, mais instrumentalista, e mais utilitário relativamente à sua sexualidade. Considera-se na EAS-A que uma maior instrumentalidade significa uma maior associação entre o sexo e o prazer, e entre o sexo e as funções corporais (correspondente à subescala de *instrumentalidade ou prazer físico*); e que o maior utilitarismo relativo à sexualidade está associado à maior concordância face a todos os itens que constituem a escala (Antunes, 2007), e que corresponde à *escala global relativa às atitudes sexuais*.

Quadro 4 Impacto do programa de educação sexual na turma nas atitudes face à sexualidade de adolescentes

Subescala / Escala	1ª Avaliação – Md		2ª Avaliação – Md		Diferença entre 1ª e 2ª avaliação (p-value)	
	GE (n=55)	GC (n=41)	GE (n=55)	GC (n=41)	GE (n=55)	GC (n=41)
SPSOSC	3,17	3,17	2,67	3,33	0,001	0,46
SIPF	3,75	3,60	3,50	3,60	0,05	0,14
SPCA	4,00	4,00	4,00	3,67	0,97	0,73
EAS	3,53	3,58	3,23	3,49	0,001	0,75

Subescala / Escala	Diferença entre GE e GC na 1ª avaliação (p-value)	Diferença entre GE e GC na 2ª avaliação (p-value)
SPSOSC	0,84	0,00

SIPF	0,94	0,68
SPCA	0,75	0,73
EAS	0,90	0,30

Legenda: GE – Grupo Experimental; GC – Grupo de Controle; SPSOSC - Subescala Permissividade sexo ocasional sem compromisso; SIPF - Subescala Instrumentalidade ou prazer físico; SPCA - Subescala Permissividade Amor; EAS - Escala Global das Atitudes face à sexualidade; **1ª avaliação** – avaliação anterior à implementação do PEST; **2ª avaliação** – avaliação posterior à implementação do PEST

Quando analisamos o impacto deste PEST, considerando o sexo dos sujeitos, verificamos que as diferenças significativas verificadas na primeira avaliação não se constataram na segunda. Assim, e antes desta participação, as raparigas apresentavam uma menor concordância com as relações sexuais ocasionais, com a masturbação e com as relações sexuais sem componente afetiva (correspondente à subescala de *permissividade face ao sexo ocasional sem compromisso*), uma menor associação entre o sexo e o prazer, e entre o sexo e as funções corporais (correspondente à subescala de *instrumentalidade ou prazer físico*), e um menor utilitarismo relativo à sexualidade (corresponde à *escala global relativa às atitudes sexuais*). Verificou-se também que as raparigas alteraram significativamente as suas atitudes face à sexualidade, tornaram-se se mais permissivas face ao sexo ocasional sem compromisso e mais instrumentalistas (ver quadro 5).

Quadro 5 Impacto do programa de educação sexual na turma nas atitudes face à sexualidade de rapazes e raparigas

Subescala / Escala	1ª Avaliação – Md		2ª Avaliação – Md		Diferença entre 1ª e 2ª avaliação (<i>p-value</i>)	
	Raparigas (n=30)	Rapazes (n=25)	Raparigas (n=30)	Rapazes (n=25)	Raparigas (n=30)	Rapazes (n=25)
SPSOSC	3,50	3,00	3,00	2,50	0,001	0,08
SIPF	4,00	3,20	3,80	3,30	0,01	0,62
SPCA	4,00	4,00	4,00	3,83	0,90	0,60
EAS	3,82	3,36	3,43	3,08	0,01	0,50

Subescala / Escala	Diferença entre raparigas e rapazes na 1ª avaliação (<i>p-value</i>)	Diferença entre raparigas e rapazes na 2ª avaliação (<i>p-value</i>)
SPSOSC	0,001	0,13
SIPF	0,001	0,18
SPCA	0,89	0,37
EAS	0,001	0,15

Legenda: SPSOSC - Subescala Permissividade sexo ocasional sem compromisso; SIPF - Subescala Instrumentalidade ou prazer físico; SPCA - Subescala Permissividade Amor; EAS - Escala Global das Atitudes face à sexualidade; **1ª avaliação** – avaliação anterior à implementação do PEST; **2ª avaliação** – avaliação posterior à implementação do PEST

Atitude face à sexualidade num programa de educação sexual

Quando analisamos o impacto que o PEST teve nos adolescentes com e sem retenções no seu percurso escolar, verificamos que apenas os adolescentes sem retenções alteraram significativamente as suas atitudes face à sexualidade, tornando-se se mais permissivos face ao sexo ocasional sem compromisso (ver quadro 6).

Quadro 6 Impacto do programa de educação sexual na turma nas atitudes face à sexualidade de adolescentes com e sem retenções no seu percurso escolar

Subescala / Escala	1ª Avaliação – Md		2ª Avaliação – Md		Diferença entre 1ª e 2ª avaliação (<i>p-value</i>)	
	CR (n=11)	SR (n=44)	CR (n=11)	SR (n=44)	CR (n=11)	SR (n=44)
SPSOSC	3,00	3,33	2,67	2,67	0,51	0,001
SIPF	3,33	3,80	3,30	3,60	0,65	0,14
SPCA	4,00	4,00	3,33	4,00	0,55	0,91
EAS	3,31	3,58	3,08	3,33	0,51	0,021

Subescala / Escala	Diferença entre adolescentes CR e SR na 1ª avaliação (<i>p-value</i>)	Diferença entre adolescentes CR e SR na 2ª avaliação (<i>p-value</i>)
SPSOSC	0,25	0,84
SIPF	0,22	0,70
SPCA	0,35	0,11
EAS	0,10	0,31

Legenda: **CR** – Com retenções; **SR** – Sem retenções; **SPSOSC** - Subescala Permissividade sexo ocasional sem compromisso; **SIPF** - Subescala Instrumentalidade ou prazer físico; **SPCA** - Subescala Permissividade Amor; **EAS** - Escala Global das Atitudes face à sexualidade; **1ª avaliação** – avaliação anterior à implementação do PEST; **2ª avaliação** – avaliação posterior à implementação do PEST

Na análise do impacto que o PEST teve nos adolescentes com e sem usufruto de apoio social (ver quadro 7), verificamos que apenas os adolescentes que não usufruem desse apoio se tornaram significativamente mais permissivos face ao sexo ocasional sem compromisso. Verificamos também que a frequência do PEST parece ter induzido diferenças significativas entre os dois grupos, com os adolescentes com apoio social a manifestarem uma menor associação entre as relações sexuais com a amizade e o amor, (correspondente à *subescala da permissividade com amor*), e os sem escalão, o inverso.

Quadro 7 Impacto do programa de educação sexual na turma nas atitudes face à sexualidade de adolescentes com e sem o usufruto de apoio social

Subescala / Escala	1ª Avaliação – Md		2ª Avaliação – Md		Diferença entre 1ª e 2ª avaliação (p-value)	
	CES (n=40)	SES (n=15)	CES (n=40)	SES (n=15)	CES (n=40)	SES (n=15)
SPSOSC	3,17	3,33	2,83	2,58	0,07	0,001
SIPF	3,78	3,60	3,60	3,10	0,47	0,20
SPCA	4,00	3,67	4,33	3,67	0,12	0,43
EAS	3,54	3,50	3,33	3,06	0,11	0,06

Subescala / Escala	Diferença entre adolescentes CES e SES na 1ª avaliação (p-value)	Diferença entre adolescentes CES e SES na 2ª avaliação (p-value)
SPSOSC	0,49	0,59
SIPF	0,63	0,49
SPCA	0,99	0,03
EAS	0,63	0,12

Legenda: CES – Com escalão social; SES – Sem escalão social; SPSOSC - Subescala Permissividade sexo ocasional sem compromisso; SIPF - Subescala Instrumentalidade ou prazer físico; SPCA - Subescala Permissividade Amor; EAS - Escala Global das Atitudes face à sexualidade; 1ª avaliação – avaliação anterior à implementação do PEST; 2ª avaliação – avaliação posterior à implementação do PEST

DISCUSSÃO

Os adolescentes que participaram no PEST revelaram, após a implementação do mesmo e relativamente aos que não participaram, atitudes de maior concordância face às relações sexuais ocasionais, à masturbação e às relações sexuais sem componente afetiva. Após esta participação, os adolescentes associaram mais facilmente o sexo com o prazer e com as funções corporais. Estes resultados parecem evidenciar uma mudança no sentido de atitudes face à sexualidade mais liberais. Esta mudança parece-nos a mais desejável, uma vez que “uma atitude mais liberal face à sexualidade, não só em termos individuais como da sociedade em geral, tem vindo a ser correlacionada com menores taxas de gravidez na adolescência, aborto e IST” (Pontes, 2010, p. 193). Esta ideia é também reforçada no relatório do Guttmacher Institute, porque “Onde os jovens recebem apoio social, total informação e mensagens positivas em relação à sexualidade e às relações sexuais, e têm fácil acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva, eles assumem comportamentos mais saudáveis e as taxas de gravidez, aborto e IST são mais baixas.” (Darroch, Frost, & Singh, 2001, p. 10).

O impacto deste tipo de projeto nas atitudes face à sexualidade de jovens já tinha sido descrito na literatura (Aarons, et al., 2000; Carrera, et al., 2007; Díaz, et al., 2005; Larsson, et al., 2006; Lederman, et al., 2004; Piscalho & Leal, 2002; Pontes, 2010; Santos, 2009). Contudo, a comparação dos seus resultados está muito condicionada pela variedade de indicadores utilizados, bem como pela restrita definição dos mesmos: a *atitude de atraso no*

Atitude face à sexualidade num programa de educação sexual

início das relações sexuais ou *atitude de atraso relativamente a uma primeira gravidez* (Aarons, et al., 2000) não é caracterizada pelos seus autores; as *atitudes relativas a comportamentos sexuais de risco* (Lederman, et al., 2004), correspondem a respostas acerca das condições sob as quais é aceitável ter relações sexuais; a *atitude face à contraceção de emergência* (Larsson, Eurenus, Westerling, & Tydén, 2004), corresponde “a cinco respostas, que alternam entre o concordo totalmente e o discordo totalmente e que exploram as atitudes face à contraceção de emergência” (p. 310); a *atitude face à sexualidade* (Díaz, et al., 2005), “envolve a concordância ou desacordo com treze afirmações relacionadas com mitos e tabus frequentemente associados a este tópico” (pp. 591-592); a *atitude face à sexualidade* (Carrera, et al., 2007), corresponde a uma adaptação da escala de atitudes face à sexualidade (Fisher et al., 1988), com treze itens e em que as pontuações mais elevadas correspondiam a atitudes mais positivas face à sexualidade; as *atitudes e opiniões sobre sexualidade* (Santos, 2009), é referente a uma tradução e adaptação do *Test de Actitudes y Opiniones sobre Sexualidad* (Millán & Álvarez-Gayou, 2009), composta por vinte e um itens distribuídos em três fatores, a integração sexual, os mitos sobre sexualidade e a vivência do corpo sexuado; e a *atitude em relação ao corpo e à sua imagem corporal, a atitude em relação à homossexualidade, a atitude em relação à interrupção voluntária da gravidez; e a atitude em relação às questões de género* (Pontes, 2010), em que as atitudes eram classificadas como liberais ou conservadoras. De salientar ainda o estudo de Piscalho e Leal (2002) que, apesar de se referir a atitudes, não as define.

Assim, parece evidenciar-se que os programas em ES têm impacto nas atitudes face à sexualidade dos adolescentes, que é necessária uma maior fundamentação concetual nos indicadores para essas mesmas atitudes, e que a utilização de um número mais reduzido de indicadores permitiria a comparação dos resultados obtidos em diferentes estudos.

Na análise do impacto deste PEST nas atitudes face à sexualidade, considerando o sexo dos sujeitos, verificamos que as diferenças significativas entre rapazes e raparigas na primeira avaliação não se constataram na segunda, tendo as raparigas alterado significativamente as suas atitudes. Assim, e após a frequência do PEST, as raparigas expressaram uma maior concordância face às relações sexuais ocasionais, à masturbação e às relações sexuais sem componente afetiva, e estabeleceram também uma maior associação entre o sexo e o prazer, e entre o sexo e as funções corporais.

Estão descritos na literatura resultados semelhantes, com as raparigas a revelarem atitudes face à sexualidade menos permissivas (Alferes, 1997; Antunes, 2007; Coleman & Testa, 2008), que para o primeiro e segundo autor estariam relacionadas com a diversidade e simultaneidade de parceiros sexuais (Hendrick & Hendrick, 1987) e para os terceiros estariam relacionadas com o grau de acordo com seis questões relacionadas com “temas e comportamentos sexuais” (Coleman & Testa, 2008, p. 62); atitudes menos liberais (Álvarez-Gayou, Honold, Millán, & Ortega, 2004), relativas ao grau de acordo, numa escala de 60 itens, em temas como as expressões da sexualidade, a integração das componentes somáticas, emocionais, intelectuais e sociais da sexualidade humana, o apego às normas rígidas da sexualidade, ao apoio a pessoas que foram oprimidas pela sociedade em geral, e ainda a aceitação de práticas de interrupção da gravidez durante o primeiro trimestre; atitudes menos associadas ao sexo sem compromisso (Antunes, 2007; Ramos et al., 2008), avaliadas através da utilização da versão parcial do inventário psicosexual de Snyder, Simpson e Ganstead

(1986, como citado em Ramos et al., 2008) no fator atitudinal *sexo sem compromisso*; ou ainda as atitudes menos associadas ao prazer físico (Antunes, 2007; Saavedra, Nogueira, & Magalhães, 2010), em que, para o primeiro autor, estariam menos orientadas para a obtenção de prazer meramente físico, e para o segundo “para a mulher, o sexo é encarado no âmbito de um discurso romântico, ou seja, não como um fim em si mesmo, mas como um meio para alcançar um fim” (p. 145). As diferenças verificadas nas atitudes sexuais poderão dever-se à forma como os dois sexos encaram a sua sexualidade: na análise ao discurso de adolescentes, realizada em Portugal por Saavedra et al. (2010), constatou-se que, para as raparigas, a sua sexualidade é ainda algo que provoca vergonha e receio, e a sua exteriorização suscita mal-estar; os rapazes, pelo contrário, divulgam a sua vida sexual como forma de impressionar os seus pares.

Alguns estudos apresentam, contudo, resultados diferentes, como o estudo de Sousa (2000), em que as raparigas revelam posições mais liberais nas suas opiniões atitudinais face à sexualidade, através de uma escala que comportava temas como o amor, o afeto, a sexualidade pré-matrimonial, a virgindade, a masturbação, a contraceção e a fidelidade; o de Carrera et al. (2007), em que as raparigas apresentavam uma atitude face à sexualidade mais positiva que os rapazes; o de Antunes (2007), em que as raparigas demonstraram atitudes mais positivas que os rapazes na subescala de práticas sexuais, subescala essa referente às atitudes face ao planeamento familiar, à educação sexual e à práticas de sexo não convencional; e o de Teixeira, Nelas, Aparício, e Duarte (2011), em que as raparigas apresentam atitudes face à sexualidade significativamente mais favoráveis, verificadas através da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (Nelas, Silva, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010, como citado em Teixeira et al., 2011).

No presente estudo, as raparigas continuaram a revelar, na segunda avaliação, atitudes menos utilitárias, embora de forma não significativa. Parece assim verificar-se a aproximação das atitudes entre os dois sexos. Petersen e Hyde (2010) já tinham descrito este fenómeno: parecem existir atitudes cujas diferenças entre os sexos têm tendência a aproximar-se (e outras a afastar-se). Também Saavedra et al. (2010) constatou essa tendência, porque “paralelamente ao discurso que afirma a manutenção dos estereótipos nas práticas sexuais, circula outro que enfatiza uma aproximação na construção tanto da sexualidade feminina como da masculina” (pp. 145-146). Tal como no nosso estudo, também no de Carrera et al. (2007) se verificou, após a participação num PEST, o esbater das diferenças entre as atitudes face à sexualidade de rapazes e raparigas. Uma das possíveis explicações para estes resultados poderá ser a menor recetividade dos rapazes a estes projetos (Measor, 2004; Measor, Tiffin, & Fry, 1996). Também Saavedra et al. (2010) reforça esta explicação: “as raparigas, mais do que os rapazes, procuram adquirir mais conhecimentos” (p. 144).

O aproveitamento escolar dos adolescentes influenciou, também, o impacto do PEST nas suas atitudes face à sexualidade, porque apenas os adolescentes sem retenções as alteraram significativamente, expressando uma maior concordância com as relações sexuais ocasionais, com a masturbação e com as relações sexuais sem componente afetiva.

Embora não tenhamos encontrado na literatura nenhum estudo que analisasse estas variáveis, constatamos que o sucesso escolar parece influenciar o impacto deste PEST. Assim, estes resultados parecem realçar a necessidade de estruturar intervenções que consigam ser o

Atitude face à sexualidade num programa de educação sexual

mais abrangentes possível e, por isso, não sejam condicionadas pelas competências escolares dos adolescentes.

Verificamos ainda, na análise do impacto do PEST, que apenas os adolescentes que não usufruem de subsídios escolares alteraram significativamente a sua atitude face à sexualidade, expressando uma maior concordância face às relações sexuais ocasionais, à masturbação e às relações sexuais sem componente afetiva, e também que a participação no mesmo parece ter induzido diferenças significativas entre os dois grupos, no respeitante à associação entre as relações sexuais com a amizade e o amor.

Embora também não tenhamos encontrado na literatura nenhum estudo que analisasse estas variáveis, constatamos que o estatuto económico parece influenciar o impacto deste PEST. Assim, parece-nos essencial a investigação desta relação, de forma a assegurar o acesso de todos, e em especial dos mais desfavorecidos economicamente, à educação para a saúde em geral, e à educação para a saúde sexual em particular.

Podemos assim concluir que a participação no PEST provocou alterações significativas nas atitudes face à sexualidade de adolescentes, com os mesmos a apresentarem uma atitude mais utilitária em relação à sua sexualidade. Podemos assim considerar que, com um PEST que respeita as indicações da legislação vigente, é possível influenciar as atitudes dos adolescentes, o que responsabiliza a escola pelo seu papel (ou ausência dele) no desenvolvimento de uma sexualidade positiva e responsável nos jovens.

As características dos adolescentes influenciaram o impacto do PEST nas atitudes face à sexualidade, sendo que as raparigas, os adolescentes com maior sucesso escolar, e os adolescentes com melhor estatuto económico, se manifestaram mais sensíveis a essa influência. Estes resultados realçam a necessidade de se refletir sobre as estratégias a implementar para garantir o envolvimento dos rapazes neste tipo programa, sobre uma abordagem aos conteúdos que não condicionasse os alunos com menos competências escolares, e ainda sobre a compreensão das diferentes dinâmicas induzidas pelo estatuto económico.

REFERÊNCIAS

- Aarons, S. J., Jenkins, R. R., Raine, T. R., El-Khorazaty, M. N., Woodward, K. M., Williams, R. L., . . . Wingrove, B. K. (2000). Postponing Sexual Intercourse Among Urban Junior High School Students—a Randomized Controlled Evaluation. *Journal of Adolescent Health, 27*, 236–247.
- Alferes, V. R. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais - para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Álvarez-Gayou, J. L., Honold, J. A., Millán, P., & Ortega, S. (2004). Escala de actitudes ante la propia sexualidad (TAC para mí): un estudio de validación. *Archivos Hispanoamericanos de Sexología, 10*, 151-165.
- Antunes, M. T. (2007). *Atitudes e comportamentos sexuais de estudantes do ensino superior*. Coimbra: Formasau.
- Carrera, M. V., Lameiras, M., Foltz, M. L., Núñez, A. M., & Rodriguez, Y. (2007). Evaluacion de un programa de educacion sexual con estudiantes de Educacion Secundaria Obligatoria. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 7*, 739-751.

- Coleman, L. M., & Testa, A. (2008). Sexual health knowledge, attitudes and behaviours: variations among a religiously diverse sample of young people in London, UK. *Ethnicity & Health, 13*, 55-72. doi: 10.1080/13557850701803163
- Darroch, J. E., Frost, J., & Singh, S. (2001). Teenage Sexual and Reproductive Behavior in Developed Countries Retrieved from http://www.guttmacher.org/pubs/eurosynth_rpt.pdf
- Díaz, M., Mello, M. B. d., Sousa, M. H. d., Cabral, F., Silva, R. d. C. e., Campos, M., & Faúndes, A. (2005). Outcomes of three different models for sex education and citizenship programs concerning knowledge, attitudes, and behavior of Brazilian adolescents. *Cadernos de Saúde Pública, 21*, 589-597.
- Diéguez, J. L., López, A., Sueiro, E., & López, F. (2005). Propiedades psicométricas de la escala de actitudes hacia la sexualidad (ATSS) ampliada. *Medicina psicosomática y Psiquiatría de enlace*(74), 46-56.
- Ferreira, A. C., Marques, A. M., Pereira, A., Filhó, A. S., Ramôa, C., Alverca, C., . . . Barreto, R. C. (1999). Educação Sexual em meio escolar - orientações técnicas. *Sexualidade, 2*(21/22), 20-28.
- Fisher, W. A., Grenier, G., Watters, W. W., Lamont, J., Cohen, M., & Askwith, J. (1988). Students' sexual knowledge, attitudes toward sex, and willingness to treat sexual concerns. *Journal of Medical Education, 63*, 379-385.
- Frade, A., Marques, A. M., Alverca, C., & Vilar, D. (Eds.). (2009). *Educação Sexual na escola - Guia para professores, formadores e educadores*. Lisboa: Texto Editores.
- Gouveia, P., Leal, I., Maroco, J., & Cardoso, J. (2010). EAS– Versão adolescentes (EAS-A). In I. Leal & J. Maroco (Eds.), *Avaliação em sexualidade e parentalidade* (pp. 59-74). Porto: Legis Editora.
- Hendrick, S., & Hendrick, C. (1987). Multidimensionality of Sexual Attitudes. *The Journal of Sex Research, 23*, 502-526.
- Jesus, A. A. (2011). *Educação Sexual: Uma metodologia formal vs lúdica/emocional*. Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Juhasz, A. M., Kaufman, B., & Meyer, H. (1986). Adolescent attitudes and beliefs about sexual behavior. *Child and Adolescent Social Work, 3*, 177-193.
- Kirby, D. B., & Laris, B. A. (2009). Effective Curriculum-Based Sex and STD/HIV Education Programs for Adolescents. *Child Development Perspectives, 3*, 21-29.
- Kirby, D. B., Laris, B. A., & Rolleri, L. A. (2006). *The Impact of sex and HIV education programs in schools and communities on sexual behaviors among young adults*. Durham: Family Health International.
- Kirby, D. B., Laris, B. A., & Rolleri, L. A. (2007). Sex and HIV Education Programs: Their impact on sexual behaviors of young people throughout the world. *Journal of Adolescent Health, 40*, 206-217. doi: 10.1016/j.jadohealth.2006.11.143
- Kirby, D. B., Obasi, A., & Laris, B. A. (2006). The effectiveness of sex education and HIV education interventions in schools in developing countries. In D. A. Ross, B. Dick & J. Ferguson (Eds.), *Preventing HIV/AIDS in young*

Atitude face à sexualidade num programa de educação sexual

- people: a systematic review of the evidence from developing countries* (pp. 103-150). Geneva: World Health Organization.
- Larsson, M., Eurenus, K., Westerling, R., & Tydén, T. (2004). Emergency contraceptive pills over-the-counter: a population-based survey of young Swedish women. *Contraception*, *69*, 309-315. doi: 10.1016/j.contraception.2003.11.013
- Larsson, M., Eurenus, K., Westerling, R., & Tydén, T. (2006). Evaluation of a sexual education intervention among Swedish high school students. *Scandinavian Journal of Public Health*, *34*, 124-131. doi: 10.1080/14034940510032266
- Lederman, R. P., Chan, W., & Roberts-Gray, C. (2004). Sexual risk attitudes and intentions of youth aged 12-14 years: survey comparisons of parent-teen prevention and control groups. *Behavioral Medicine*, *29*, 155-163. doi: 10.3200/BMED.29.4.155-166
- Lemos, M. E. (2002). O papel dos conhecimentos sobre sexualidade como pré-requisitos para comportamentos saudáveis. *Sexualidade e Planeamento Familiar*, *33*, 43-50.
- Lopes, J. C. (2006). *Sexualidade dos adolescentes e VIH/SIDA: conhecer para educar*. Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- López, F. (2009). *La educación sexual*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- López, F., & Fuertes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: APF.
- Marinho, S., Anastácio, Z., & Carvalho, G. (2010). *Avaliação de projetos de Educação Sexual na perspectiva da promoção da saúde*. Paper presented at the 3º Congresso Nacional de Educação para a Saúde / 1º Congresso Luso-Brasileiro de Educação para a Saúde, Covilhã, Portugal.
- McIntyre, T., & Araújo, S. (1999). Programa de Promoção da Saúde: Avaliação da Eficácia de um Programa de Promoção da Saúde Psicossocial para Adolescentes (PPSPA). In A. P. Soares, S. Araújo & S. Caires (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. VI, pp. 616-631). Braga: APPORT.
- ME, MS, APF, & CAN. (2000). *Educação sexual em meio escolar - Linhas Orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação, Ministério da Saúde.
- Mesor, L. (2004). Young people's views of sex education: gender, information and knowledge. *Sex Education*, *4*, 153-166. doi: 10.1080/14681810410001678338
- Mesor, L., Tiffin, C., & Fry, K. (1996). Gender and Sex Education: A study of adolescent responses. *Gender and Education*, *8*, 275-288. doi: 10.1080/09540259621520
- Millán, P., & Álvarez-Gayou, J. L. (2009). Validación de una escala para medir actitudes ante la sexualidad en la población mexicana. *Archivos Hispanoamericanos de Sexología*, *15*, 13-21.
- Oliveira, T., Fernandes, M., & Pinheiro, P. (2003). Educação para a sexualidade: Escola e Saúde, um projeto integrado. *Nascer e crescer - Revista do Hospital de crianças Maria Pia*, *12*, 8-14.

- Petersen, J. L., & Hyde, J. S. (2010). A Meta-analytic review of research on gender differences in sexuality, 1993–2007. *Psychological Bulletin*, 136, 21-38.
- Piscalho, I., & Leal, I. (2002). *Promoção e educação para a saúde: Educação da sexualidade nas escolas – Um projecto de investigação-acção com adolescentes que frequentam o 10º ano de escolaridade*. Paper presented at the 4º Congresso de Psicologia da Saúde: A Saúde numa Perspectiva de Ciclo de Vida, Lisboa.
- Pontes, A. F. (2010). *Sexualidade: vamos falar sobre isso? Promoção do desenvolvimento psicosexual na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção em meio escolar*. Douturamento, Universidade do Porto, Porto.
- Ramiro, L., Matos, M. G., & Vilar, D. (2008). Factores de sucesso da Educação Sexual em meio escolar. *Educação Sexual em Rede*, 3, 8-13.
- Ramiro, L., Reis, M., Matos, M. G., Diniz, J. A., & Simões, C. (2011). Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 29, 11-21.
- Ramos, R. D., Eira, C., Martins, A., Machado, A., Bordalo, M., & Polónia, Z. (2008). Atitudes, Comunicação e Comportamentos face à Sexualidade numa população de jovens em Matosinhos. *Arquivos de Medicina*, 22, 3-15.
- Ribeiro, J. L. (2007). *Metodologia de investigação em Psicologia e Saúde*. Porto: Legis Editora.
- Robin, L., Dittus, P., Whitaker, D., Crosby, R., Ethier, K., Mezoff, J., . . . Pappas-Deluca, K. (2004). Behavioral interventions to reduce incidence of HIV, STD, and pregnancy among adolescents: a decade in review. *Journal of Adolescent Health*, 34, 3-26. doi: 10.1016/s1054-139x(03)00244-1
- Saavedra, L., Nogueira, C., & Magalhães, S. (2010). Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a educação sexual. *Educação & Sociedade*, 31, 135-156.
- Santos, R. (2009). *Educação Sexual em Contexto Escolar: Implementação e avaliação da eficácia de um projecto de intervenção numa turma do 8º ano de escolaridade* Mestrado, Universidade do Porto, Porto.
- Silva, I. V. (2006). *Educação para os Valores em Sexualidade: Um Estudo com Futuros Professores e Alunos do 9º Ano de Escolaridade*. Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- Silva, M., & Meneses, R. (2010). *Educação para a Saúde e Atitudes Sexuais de Estudantes Universitários*. Paper presented at the VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga. http://www.actassnip2010.com/conteudos/actas/PsiSaude_16.pdf
- Sousa, A. P., Soares, I., & Vilar, D. (2007). Lessons learnt from a secondary school Sex Education Program in Portugal. *Sex Education*, 7, 35-45. doi: 10.1080/14681810601134835
- Sousa, M. F. (2000). *Sexualidade na adolescência comportamentos, conhecimentos e opiniões / atitudes de adolescentes escolarizados*. Mestrado, Universidade Porto, Porto.

Atitude face à sexualidade num programa de educação sexual

- Teixeira, D., Nelas, P., Aparício, G., & Duarte, J. (2011). Atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico. In C. M. Albuquerque (Ed.), *Comportamentos de saúde infanto-juvenis : realidades e perspetivas* (pp. 429-440). Viseu: Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viseu.
- UNESCO. (2008). *Review of Sex, Relationships and HIV Education in Schools*. Paper presented at the Primeiro meeting do UNESCO's Global Advisory Group meeting, Hamburgo.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001629/162989e.pdf>
- UNESCO. (2010). *Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade - Uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*. Paris: UNESCO.
- Vaz, J. M. (1996). *Educação Sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vilaça, M. T. (2005). *Acção e competência de acção em educação sexual: uma investigação com professores e alunos do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário*. Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.